

## O ENSINO DE GEOGRAFIA E O APRENDIZADO SOBRE O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO: NOTAS SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

### Teaching Geography and learning about the concept of Geographical Space: notes on pedagogical practices

Vanessa Manfio

Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

[nessamanfio@gmail.com](mailto:nessamanfio@gmail.com)

*Recebido em 13/08/2020*

*Aceito em 13/11/2020*

**RESUMO:** O estudo do espaço na disciplina escolar de Geografia é muito importante para o desenvolvimento de uma interpretação clara sobre as várias nuances espaciais. Pensando nisso, este artigo teve como iniciativa de investigação abordar o conceito de espaço geográfico na educação geográfica, perpassando da realidade cotidiana do aluno e ultrapassando para outras análises espaciais, e, ainda, demonstrar práticas didáticas para o ensino deste conceito com os alunos. Este estudo parte de uma revisão de literatura, abordagem qualitativa e diálogo de intervenções práticas aplicadas no contexto escolar. Nessa expectativa, o trabalho pretende contribuir com um pensar, ensinar e aprender mais rico e geográfico. Já que o ensino do espaço geográfico trás a dimensão de outras temáticas e conceitos, a expressão com exatidão a relação sociedade e natureza e estabelece uma visão do vivido, concebido e representado, permitindo a visão georreferenciada do educando.

**Palavras-chave:** Espaço Geográfico; Ensino de Geografia; Intervenções pedagógicas.

**ABSTRACT:** The study of space in the school discipline of Geography is very important for the development of a clear interpretation of the various spatial nuances. With this in mind, this article had the research initiative to address the concept of geographic space in geographic education, going beyond the student's everyday reality and going beyond other spatial analyzes, and also to demonstrate didactic practices for teaching this concept with students. This study is based on a literature review, qualitative approach and dialogue on practical interventions applied in the school context. In this expectation, the work intends to contribute with a richer and more geographic thinking, teaching and learning. Since the teaching of geographic space brings the dimension of other themes and concepts, the expression accurately the relationship between society and nature and establishes a vision of the lived, conceived and represented, allowing the georeferenced vision of the student.

**Keywords:** Geographic space; Geography teaching; Pedagogical interventions.

### INTRODUÇÃO

A Geografia apresenta conceitos essenciais para dialogar os fenômenos geográficos e, principalmente, o objetivo central da ciência: a relação sociedade e natureza. Entre estes conceitos está o espaço geográfico, que além de importante ao pensamento científico é fundamental para o ensino da disciplina em sala de aula, já que o mesmo “costura” outras discussões e aprendizagens.

O espaço é um conceito que reforça uma ampla abordagem do pensar o mundo. Para Santos (2008, p. 67), ele é “[...] uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por

isso a sociedade não pode operar fora dele”. O espaço é a síntese entre o físico e o humano, a natureza e a artificialização e, por tanto, pode ser concebido pela intervenção da sociedade, o trabalho, as técnicas, os mecanismos naturais, pela globalização, pelas aparências reais e abstratas. Um conceito complexo e interessante na lógica da Geografia.

Ainda, o espaço geográfico permeia a representação do vivido, do concebido e percebido pelo aluno, propícia a reflexão sobre a realidade de vida, mas, também, é um termo de análise da cidade e do campo, da sociedade. Em alguns casos a discussão escolar sobre o espaço insere-se numa lógica abstrata e distante do aluno, o que dificulta o aprendizado sobre o mesmo. Desse modo, é necessário propor práticas didáticas que demonstrem o espaço na proximidade do aluno, numa interação prática e teoria.

Pensando nisso, este artigo busca discutir o conceito de espaço geográfico na educação geográfica, estabelecendo relações com outros conceitos e com a realidade de vida do aluno. Além disso, o artigo tem por proposta central trazer algumas práticas pedagógicas possíveis para trabalhar e pensar o ensino - aprendizado na sala de aula, demonstrando recursos e intervenções que fazem a diferença nas aulas de geografia. Ao tratar das práticas didáticas pode-se permitir que outros professores utilizem destes recursos, buscando propor um ensino mais prático e que suscite a criatividade e a liberdade do aluno em expor o conhecimento e criar a aprendizagem por meio de métodos lúdicos e envolventes aos alunos.

Diante do trabalho, a expectativa é de contribuir com os estudos de ensino de Geografia, trazendo novas discussões e possibilidades de se pensar as intervenções didáticas em sala de aula com os alunos, para melhorar o aprendizado e o interesse dos mesmos em compreender o universo geográfico, relacionando à ciência à vida cotidiana. Além de propiciar o entendimento sobre um conceito essencial para o olhar geográfico e que, muitas vezes, fica despercebido pelo educando.

Para desenvolver esta pesquisa foi necessário um aporte teórico, dessa forma, o artigo parte de uma revisão de literatura, mesclando com uma análise qualitativa da realidade aplicada em sala de aula, num período de 2011 a 2018. Quanto a analisar a revisão de literatura, pode-se dizer que é aquela de busca incessante em fontes bibliográficas, analisando dados e interpretando leituras, a fim de produção um novo conhecimento ou repensar os já existentes. Segundo Galvão e Ricarte (2019), “É uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto”. Esta pesquisa pauta-se em livros, materiais publicados em teses e dissertações, periódicos, entre outros. No que tange a análise qualitativa que é um braço auxiliar deste artigo, esta se baseia em práticas pedagógicas contextualizadas em sala de aula, dialogadas na educação básica e em conversas informais.

Na sala de aula o método didático utilizado foi o construtivismo proposto por Jean Piaget. No entendimento epistemológico piagetiano o conhecimento é elaborado por meio de uma que se processa continuamente, isto é, o conhecimento não se encontra pronto e acabado, mas é fruto da interrelação com o meio externo ao sujeito (RIZZON,

2010). Sendo essenciais, para esta construção contínua, os métodos ativos, cujo aluno espontaneamente promove o conhecimento, de maneira que o estudante possa compreender, inventar, reconstruir, conhecer e criar.

Em síntese, o presente artigo encontra-se estruturado em duas partes: a primeira que discute sobre o ensino sobre o espaço geográfico na disciplina de Geografia, a ligação entre espaço vivido, espaço como categoria de análise da Geografia e espaço na concepção de cidade, entre outras articulações, e a segunda parte possibilidades de práticas pedagógicas aplicadas e/ou analisadas, tecendo contribuições para as conclusões finais.

## O ESPAÇO GEOGRÁFICO E O ENSINO: DISCUSSÕES ELEMENTARES

Na “simbiose” sociedade – espaço é que a Geografia sublinha sua relevância nas Ciências Humanas, engendrando as possibilidades e o novo dinamismo social (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2010). Neste sentido, a Geografia tem como objetivo principal, enquanto ciência, o estudo da relação sociedade e natureza através da análise do espaço geográfico. Este conceito é o ponto de referência para análises específicas sobre a realidade cotidiana, trás o encontro de diversos temas correlatos. Logo, Oliveira et. al. (2019a, p.13), acrescentam,

O espaço geográfico é na verdade uma base abrangente que possibilita as mais variadas discussões no campo da Geografia, um esforço que tem um sentido mais inteligível por intermédio da compreensão de como essa realidade é elaborada, sentida e vivida, e não como conteúdos em si mesmos, uma vez que estes podem apresentar colocações simplistas e reducionistas.

Nesta perspectiva, o espaço geográfico é entendido como sendo uma reunião de elementos que dão significado a existência da sociedade e do mundo tal qual se conhece. O espaço é considerado um conjunto indissociável de que participam, objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e a vida que os preenche e os anima, ou seja, um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento, que expressam a relação sociedade e natureza (SANTOS, 1994). O espaço envolve uma construção que ora é lenta (dos ritmos naturais, num espaço de ordem natural), ora rápida e intencional quando se pensa na inserção do capital sobre a natureza.

Por meio do estudo do espaço, ainda, consegue-se desprender outras categorias geográficas como: lugar, paisagem, território e região (DENTZ; ANDREIS; RAMBO, 2016). Assim, “construindo a noção de espaço geográfico é possível iniciar o estudo e a explicação dos demais conceitos bacilares da Geografia” (OLIVEIRA, et. al. 2019b, p. 35). Além destes o espaço permite a aprendizagem de elementos como cidade, natureza, campo, economia, entre outros. Todos estes termos são vistos pela menção espacial, da intensidade das relações e dinâmicas. Neste contexto, o espaço geográfico pode ser pensado como um todo uno e múltiplo, aberto a conexões que se

expressam através dos diferentes conceitos já apresentados (SUERTEGARAY, 2000).

O espaço também permite a valorização da percepção e do entrosamento do sujeito com o meio de vida. Para Castrogiovanni (2008, p. 24), “a evolução da forma de apreensão do espaço segue três etapas essenciais que são [...]: a etapa do espaço vivido, do espaço percebido e do concebido/representado”. Nesse sentido, Almeida e Passini (2006), mencionam que o espaço é para criança um mundo em descobrimento, quase impenetrável, ocorrendo a sua conquista aos poucos à medida que o aluno passa a percebê-lo, mudando assim a sua concepção qualitativa sobre o espaço. Logo, “Viver e perceber o espaço não basta, há que permitir que o espaço vivido e percebido passe para o plano do concebido. Eis o papel da geografia no ensino básico” (MARTINEZ, 2006, p. 56). Em síntese, aprender a ler o espaço significa proporcionar condições à criança desvendar o seu mundo (CASTELLAR, 2000). E o conceito em questão é suscitador desta visão.

Portanto, o estudo do espaço vivido se faz necessário à medida que aproxima o aluno do aprendizado, pois trabalha com as experiências e vivências do mesmo, não se tornando um conceito abstrato e imaterial. Esse conceito também remete ao que Frémont (1980 apud Cavalcanti, 1998) comenta, “o espaço vivido em toda a sua espessura e complexidade, aparece assim como revelador das realidades regionais”. Pensar o espaço geográfico é uma tarefa rica e desafiadora, que contribui para o ensino da perspectiva local e mundial, sendo importante para compreensão do espaço vivido e do papel deste nas relações sociais (CAVALCANTI, 1998). Então, o espaço da vivência polariza fenômenos no estudo inicial do local e regional, ou seja, as realidades visíveis pelos educandos, servindo de ponte para os entendimentos futuros sobre o espaço global. Daí reside à possibilidade da Geografia e educação, buscando expressar a concretude do espaço vivido, principalmente num espaço de crise, de rupturas e mudanças, dos quais as relações sociais se geografizam (REGO, et.al. 2000).

Desse modo, “o aluno vive o espaço geográfico de diferentes maneiras, em diferentes lugares, muitas vezes, não tem consciência desse espaço e de suas manifestações” (PONTUSCHKA, 2000, p. 151). Colabora, com isto, Kaercher (1996; 2010), a geografia existe desde sempre e que vive-se o espaço e a geografia diariamente. Porém nem sempre os alunos apresentam a noção que “a geografia está por toda parte” (COSGROVE, 1998, p. 92). Neste momento a educação geográfica passa a desempenhar uma função importante de fazer o aluno despertar a consciência espacial (PONTUSCHKA, 2000). Essa “[...] consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social” (CAVALCANTI, 2002, p. 12). A Geografia ao dialogar o espaço do cotidiano traz o aluno para o ensino demonstrando a potencialidade no mesmo no seu espaço, as interações de vida. Portanto,

O trabalho do professor do ensino fundamental e médio é complexo, pois, além de realizar a leitura do espaço geográfico, ou dos espaços geográficos, precisa fazer a leitura da realidade específica de seus alunos e daquilo que eles conhecem sobre o espaço geográfico; compreender de onde se originaram seus conhecimentos e suas representações, frutos da vivência,

do senso comum. [...] Só então o professor estará apto a propor problemas desafiadores de caráter geográfico para a ânsia de conhecimento que a criança e o adolescente possuem, mas que, muitas vezes, não têm a oportunidade de externar na escola, em decorrência dos métodos passivos utilizados pelo docente. (PONTUSCHKA, 2007, p. 131-132).

Além disso, compreender as relações socioespaciais e os reflexos da ação na sociedade e natureza é fundamental para o desenvolvimento crítico do ser humano em relação ao mundo, apreendendo a diferenciar o complexo de processos e dinâmicas espaciais (CAMPOS; PEDON, 2013). Logo, “a Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento” (CALLAI, 2010, p.58). O espaço é visto também na efervescência das lutas, contradições e conflitos. Assim, Kaercher (1999, p. 76) expõe que o papel da Geografia como disciplina escolar deva ser o de “[...] entender a sociedade e suas contradições usando o espaço como categoria para tal entendimento”. Não obstante, a Geografia que se debruça na abordagem espacial deve relacionar as complexidades da interação homem e meio e homem/homem, criando possibilidades do aluno se posicionar no espaço, entendendo a sua participação.

Nessa lógica, o espaço é tudo e todos, ou seja, ele compreende todas as estruturas e formas de organização e interações, permitindo a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural e a apropriação da natureza por parte dos homens (CASTROGIOVANNI, 2003). O espaço pode ser lido, então, através de elementos e categorias, sem desconsiderar cada um deles (SUERTEGARAY, 2000; SUERTEGARAY, 2001). E olhando para o espaço chega-se mais firme e atento ao entendimento geográfico. Destarte, o espaço geográfico é dinâmico e pode ser visto por partes: forma, função, estruturas, conteúdos, processos que põe a totalidade espacial (SANTOS, 1996). Assim, diante dessas discussões em aula o aluno poderá entender que o espaço se molda no tempo e na vitalidade do mundo natural, social, tecnológico. O educando deve ter clareza dessas relações e elementos para aprender a olhar as transformações espaciais, resultado de um processo rico e fluente que acontece cotidianamente e se relaciona com a vida do aluno e sociedade.

Desse modo, “um estudo do espaço assim concebido requer uma análise da sociedade e da natureza e da dinâmica resultante da relação entre ambas” (CAVALCANTI, 2002, p. 132). Com isto, o educando precisa ser conhecedor dos elementos presentes na natureza (relevo, clima, vegetação, hidrografia...), bem como das relações entre eles, além de fazer uma análise sobre a produção do espaço, fazendo relações culturais, econômicas, políticas e históricas que participam das cidades, indústrias, etc. (VIEIRA, 2004). Para Moreira (2010), o trajeto casa para trabalho, casa para escola, escola para trabalho, trabalho para escola, casa para lazer mostra o percurso geográfico onde o saber geográfico se liga com a realidade das relações dos sujeitos com o espaço, e com a produção social. Essa análise das relações passa pela “[...] análise do espaço geográfico, pois este, tal como a linguagem e as palavras, é produto histórico, humano e carregado de conhecimentos construídos no decorrer de nossa existência.” (KAERCHER, 1999, p. 48). Estas

colocações reforçam o papel de pensar, ensinar, aprender e analisar a geografia espacial.

A Geografia da análise espacial deve se orientar também no estudo das cidades, espaços de movimento e produção. De acordo com Corrêa (1997, p. 152), "O espaço enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade apresenta várias facetas que permitem que seja estudado de modo multivariado". Porque a cidade é o campo de inúmeros elementos, relações, serviços, movimentos, construções e percepções. A construção de uma visão "utópica" da cidade, por vezes, pelos alunos impõe uma necessidade conceitual para pensar e aprender com maior congruência os conjuntos espaciais que se configuram nas cidades, moldados através das transformações impostas pela sociedade-economia (LACOSTE, 1993). A cidade é o ponto de moradia de muitos alunos, ou de visibilidade deles e isto comprova a validade da Geografia escolar de trabalhar com a cidade, como representação espacial com os alunos.

Em se tratando de espaço e tempo, a escola parece dialogar pouco com estas noções, muitas vezes, os acontecimentos diários são pouco explorados nas aulas, especialmente de Geografia que fica presa ao livro didático. Para Barbosa (2016, p.85), "As condições espaciais e de tempo das escolas aventam diversos questionamentos, quando deparamos a rigidez e a inflexibilidade desse ambiente de ensino e aprendizagem. É como se o conteúdo e a forma estivessem em desacordo (...)". Ensinar o contemporâneo, ou seja, o espaço momentâneo é significativo, pois impõe ao aluno compreender o que está na frente de seus olhos e ouvidos, o que é proferido nos meios de comunicação e na realidade vivenciada. Trabalhando, então, o espaço do seu tempo.

Contudo, a Geografia tem no espaço um campo de muita análise que trabalhada em sala de aula ganha dinamismo em várias abordagens. Um pensar, o lugar vivido, a produção espacial, as relações, a cidade, a paisagem, a movimentação e estrangulamento dos excluídos, das contradições e construções. O espaço é o conceito essencial dos estudos geográficos por onde convergem outros conceitos. Mas, explorar este no ensino de geografia requer uma prática didática que permita a interação e o entendimento dos educandos.

## **PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE O ENSINO DO ESPAÇO EM SALA DE AULA**

Por meio de tudo que foi dito, abre-se aqui a discussão sobre algumas maneiras do professor pensar e explorar o ensino do espaço geográfico. Uma das propostas é a construção de maquetes, pois permite a representação espacial, uma maneira do aluno entender como se organiza e avalia o espaço na sua concepção. Para Castrogiovanni (2008, p.75), "a construção da maquete é um dos primeiros passos para o trabalho mais sistemático das representações geográficas". Sem dúvidas, o aluno ao recriar o espaço, por meio da construção de maquetes, pode expor a sua concepção espacial e também a percepção e criatividade, participando da construção intelectual do saber espacial. "Assim, no trabalho com o espaço geográfico - urbano e rural - a maquete representa um forte componente didático, facilitador da aprendizagem, já que consegue representar o real do cotidiano observado pelos

alunos” (MANFIO, 2015, p.80). É uma forma de representar o espaço concebido e percebido pelos alunos através da prática e da atividade prazerosa, permitindo ao aluno explorar seus conhecimentos, trocar ideias e representar o espaço.

A construção de maquete é sempre uma atividade interessante ao discente, porque ele participa, cria e organiza seu referencial de espaço. Geralmente a criatividade dos alunos é visível nesta atividade. Esta atividade foi proposta na Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes, no Rio Grande do Sul, com os alunos de 7º ano do Ensino Fundamental, propondo a criação de maquetes sobre o espaço urbano e rural, em 2013. A turma foi dividida em grupos de cinco alunos e destes grupos uns teriam de constituir maquetes do espaço urbano e outros discentes construir maquetes de representação do rural. A atividade foi receptiva pelos alunos, na maquete rural, apareceram os animais do meio rural, o trator, a terra, a mata, representado por animais de plástico, terra, serragem, entre outros materiais. Enquanto, as maquetes sobre a cidade trouxeram a imagem de postes de luz, ruas, casas, pessoas e carros, também as representações espaciais foram criadas com materiais que os alunos tinham em casa, envolvendo a criatividade do grupo. Após estas construções os alunos apresentaram a sua construção aos demais colegas. Por meio da atividade também se percebeu que os alunos representam o espaço de acordo com sua percepção e concepção (Figura 1 e 2).

É muito importante pensar em atividades ativas para que o aluno por meio da sensibilidade mental e motora possa interagir com o conhecimento e construir aprendizagem, aprofundando o saber cognitivo que, muitas vezes, precisa ser instigado para o seu afloramento.



**Figura 1.** Maquete do espaço rural. **Fonte:** Criação dos alunos, 2013, acervo do autor.

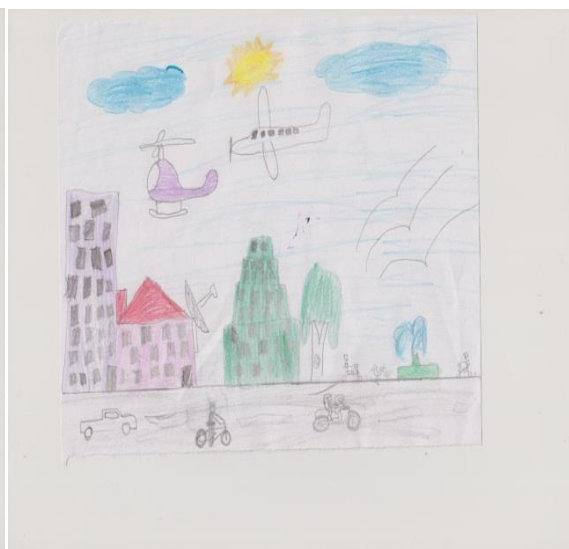


**Figura 2.** Maquete espaço urbano. **Fonte:** Criação dos alunos, 2013, acervo do autor

Os desenhos são estratégias também que sinalizam a criatividade e a concepção dos educandos sobre o espaço, além de ser uma forma lúdica de compreender o conteúdo. A criação de desenhos como atividade síntese para trabalhar com o espaço geográfico foi desenvolvida com os alunos de 6º ano da Escola Estadual Dom Antônio Reis, do Rio Grande do Sul, em 2014. A prática envolve a interpretação e visão dos alunos sobre o espaço vivido. Foi uma forma didática prazerosa pelos alunos e que despertou um olhar para o espaço do cotidiano. Os desenhos demonstraram um aprofundamento teórico e a criatividade dos alunos (Figura 3 e 4).



**Figura 3 –** Desenhos sobre o espaço.  
**Fonte:** Criação de aluno em aula, 2014.



**Figura 4 –** O espaço retrato do aluno  
**Fonte:** Criação de aluno em aula, 2014.

A criação de desenhos, assim como de maquetes e outras representações possibilita ao aluno expor a sua criatividade e conhecimento sobre o conteúdo, dialogando sobre a sua percepção, a concepção teórica e a prática, despertando um fazer aprender, ou



seja, pela mão na massa o aluno produz o conhecimento de forma diferente, cativante que o permite se inserir no aprendizado.

Além da maquete e desenhos, os globos, os mapas, os jogos e o Google Earth são formas demonstrar as representações gráficas e plásticas do espaço geográfico, tratando de localização, representação espacial, diferenças e relações espaciais (SCHÄFFER, et. al. 2005). São formas de garantir a concepção espacial, a partir de recursos cartográficos, retratando fenômenos espaciais, além da representação do espaço. Claro que requer, nestes casos, não apenas a utilização de mapas prontos e visualização de elementos, mas a exploração destes materiais, trabalhando a percepção e a formação de conceitos pelos alunos.

Outra prática do ensino do espaço refere-se ao trabalho de campo. Este estudo acontece fora da sala de aula, mas torna-se produtivo quando se instiga o discente ao aprendizado em visitas de fábricas, parques ecológicos, represas de água, museus e comunidades rurais, demonstrando a fração do espaço e descrevendo os seus elementos e interações, numa visão dialética. Para o trabalho de campo, Pontuschka, Pagannelli e Cacete (2007), destacam a metodologia, conhecida como estudo do meio, onde há etapas a serem seguidas para o desenvolvimento da atividade de campo como a criação de roteiro, questionários, explicação do tema em aula, visita e explanação do conteúdo com síntese do aprendizado. Não é, para tanto, um simples visitar o espaço, mas criar condições para que os alunos interajam e descubram a categoria do espaço *in loco*. O campo aprofunda as imagens utópicas dos alunos, promove a socialização dos conhecimentos e a visualização da realidade empírica do espaço, quando bem pensado e articulado pelo professor, podendo ser um instrumento interdisciplinar.

Seguindo a proposta didática de campo, Arruda (2019) apresenta a atividade Pedal geográfico que constituir-se numa maneira de abordar o espaço geográfico, especialmente a cidade com os alunos, partindo de um trabalho de campo diferenciado, com o passeio de bicicleta no percurso urbano da capital cearense, especificamente no trajeto da EEFM General Murilo Borges Moreira, passando pela Avenida Beira Mar, com chegada à Ponte dos Ingleses. Neste contexto, os alunos da escola EEFM General Murilo Borges Moreira foram instigados a analisar o processo histórico-social da cidade, analisando as formas, estruturas e as transformações do espaço geográfico (ARRUDA, 2019). No entanto, esta atividade além de ser receptiva pelos educandos, apresenta dificuldades, tais quais: a disponibilidade de bicicleta para os alunos, a realização do passeio, onde o espaço no mínimo deve conter segurança, ciclovias e um domínio dos alunos, a fim da atividade ser bem coordenada e não ter entraves. Mas, sem dúvidas, é uma atividade diferenciada e que permite uma leitura do espaço local.

A linguagem cinematográfica também se torna uma ferramenta para o ensino, sendo possível mostrar à produção e reprodução do espaço, os agentes modeladores do espaço, as características da vida dos espaços (PONTUSCHKA; PAGANNELI; CACETE, 2007). Para Bernardet (1991, p. 36): “Filmar então pode ser visto como um ato de recortar o espaço, de determinado ângulo, em imagens, com uma finalidade expressiva. Por isso, diz-se que filmar é uma atividade de análise”. Em um filme o

espaço concreto é recortado, recriado, sonhado e vivido com o aporte de histórias cotidianas, as memórias de vida e as histórias de seus personagens (BARBOSA, 2004). Desse modo, nos filmes existem cenas que mostram o espaço, a evolução do tempo, as imagens em movimento e fixas, demonstrando o espaço geográfico. É um aporte com aceitação do público, aluno. Assim como, o sujeito que filma busca através das lentes da câmera uma imagem, um ponto espacial e uma realidade analisada.

Ademais, a criação de mapas mentais sobre o bairro da escola, rua, morada do aluno pode representar uma maneira de trabalho do espaço, principalmente associado à percepção do espaço vivido e concebido pelo alunado. É uma forma cartográfica de unir a representação e percepção. A produção de mapas mentais não existe dissociada da leitura do mundo, mas torna-se um vetor para fabulação do espaço, mostrado na essência do percebido e da imaginação que contam também resíduos da vivência (KOZEL, 2007). Portanto, quando o aluno desenha, criando seu mapa mental ele retrata o espaço através de sua visão, intercalando elementos importantes a ele e fundamentais a sua compreensão. Uma forma lúdica de ver o espaço, mas que propicia à reunião de outras propostas de ensino, como a socialização dos mapas mentais e a análise pela turma dos elementos ausentes nas imagens, o porquê não foram lembrados? E o que o espaço representa para os moradores locais? Expressões plausíveis de ser discutidas em sala de aula.

Destarte, além da produção de mapas mentais, o uso de fotografias se constitui numa intervenção pedagógica capaz de abordar o espaço, pois a foto capta o espaço pela lente do fotografo e observador. Dessa forma, várias formas de trabalho podem ser realizadas como dividir a turma em grupos, onde os mesmos trazem fotos de casa, analisam e expõem aos colegas, a fim de aprofundarem o conceito de espaços geográfico e demais conceitos ligando à ele, tais quais, paisagem, lugar. Por outro lado, a utilização de um conjunto de fotografia do mesmo espaço pode mostrar os elementos e transformações espaciais, além da dinamicidade, sobretudo, quando se leva fotos daquele espaço em movimento, estático, em tempos passados e presentes. Estas fotos podem ser trazidas pelos docentes e que instiga os discentes a avaliar as mudanças espaciais. De modo geral, a fotografia é um recurso importante e acessível para o ensino de geografia, sendo utilizado em várias abordagens escolares.

Outra proposta pedagógica pode ser feita através da música. Por exemplo, a canção “O dia em que a terra parou” de Raul Seixas trás a possibilidade de ensino do espaço. Por meio da letra musical é possível demonstrar o que é o espaço, reforçando ao aluno que não foi a Terra que parou e sim o espaço geográfico, ou seja, o movimento das relações, do trabalho, os fluxos e dinamicidade espacial. A partir da música cria-se terreno sólido para a análise espacial. A letra de Raul Seixas poderá causar estranheza, dificuldade inicial de interpretação pelos educandos, mas se orientada pelo professor levará a um trabalho de construção de conceitos fundamentais a concepção cognitiva dos alunos. Ao trabalhar com os alunos do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, em 2019, com esta música os alunos inicialmente ficaram perdidos, mas aos poucos foram instigados a pensar o espaço (Figura 5). No final, a atividade foi satisfatória e produtiva pelos alunos que trocaram ideias com os colegas.

Esta música, assim como a questão da Pandemia vivida pelo mundo em 2020 abre caminhos para o trabalho do espaço geográfico, como o isolamento muda o movimento espacial, a relação sociedade e natureza, a expansão espacial do vírus, entre outros elementos que são discutidos através da questão. A questão da pandemia dialogada com o espaço pode trazer contribuições, a respeito da análise da espacialidade do vírus, das relações e movimentos que se alteram, da expressão de como os espaços tornam-se vetores do COVID-19. Além disso, permitem pensar a casa do educando não como um casulo, mas como um espaço vivido, um espaço de cuidado e convívio familiar. A leitura de mapas, a exploração de textos e fazer a menção da interpretação do aluno no tempo de isolamento, através de vídeo clipe, desenhos e autorretratos.

<b>O dia em que a terra parou (Raul Seixas)</b>	E nas igrejas nenhum sino a badalar Pois sabiam que os fiéis também não tavam lá E os fiéis não saíram pra rezar Pois sabiam que o padre também não tava lá E o aluno não saiu para estudar Pois sabia o professor também não tava lá E o professor não saiu pra lecionar Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar
Essa noite Eu tive um sonho de sonhador Maluco que sou, eu sonhei Com o dia em que a terra parou Foi no dia em que todas as pessoas do planeta inteiro resolveram Que ninguém ia sair de casa, como que se fosse o combinado, Em todo o planeta, naquele dia ninguém saiu de casa... ninguém...	No dia em que a terra parou... E o comandante não saiu para o quartel Pois sabia que o soldado também não 'tava lá E o soldado não saiu pra ir pra guerra Pois sabia que o inimigo também não 'tava lá E o paciente não saiu pra se tratar Pois sabia que o doutor também não 'tava lá E o doutor não saiu pra medicar Pois sabia que não tinha mais doença pra curar No dia em que a terra parou...
O empregado não saiu pro seu trabalho Pois sabia que o patrão também não tava lá Dona de casa não saiu pra comprar pão Pois sabia que o padeiro também não tava lá E o guarda não saiu para prender Pois sabia que o ladrão também não tava lá E o ladrão não saiu para roubar Pois sabia que não ia ter onde gastar	Essa noite Eu tive um sonho de sonhador Maluco que sou, acordei... No dia em que a terra parou...
No dia em que a terra parou...	

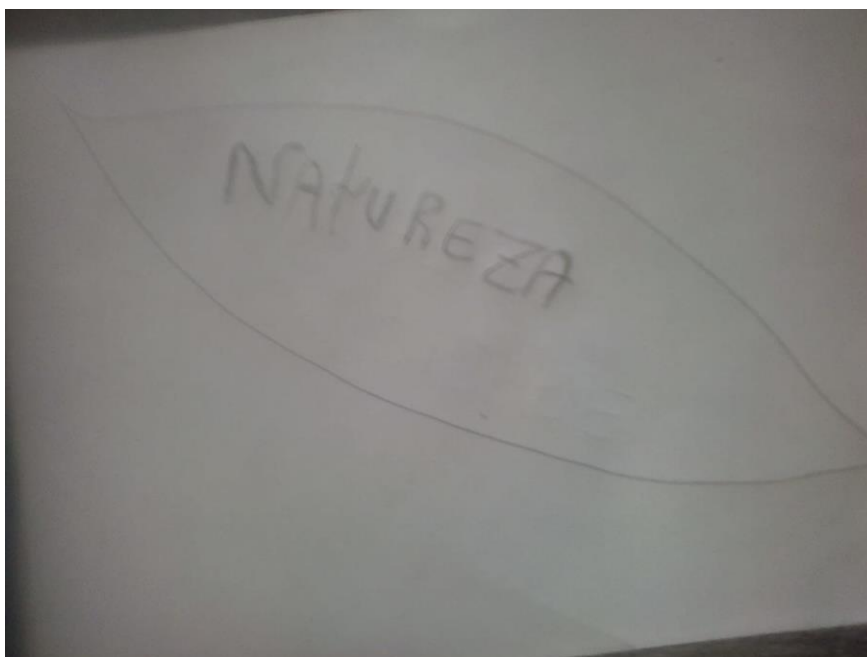
**Figura 5.** Letra da Música “O dia em que a terra parou”.

**Fonte:** LyricFind, Warner Chappell Music, Inc, Som Livre.

Outra proposta que pode ser utilizada no estudo do espaço é por meio da atividade “A árvore do conhecimento” (figura 6), onde os alunos preenchem as folhas da árvore, destacando: o que é o espaço geográfico? O que é cidade? Todos os espaços são iguais? Quais as transformações vista no seu espaço de vivência?. A partir da concepção dos alunos é possível criar discussões sobre o conteúdo. Logo, num segundo momento pode ser realizado uma roda de discussão no qual o aluno poderá demonstrar sua opinião e por meio dela ser trabalhada a noção de espaço geográfico. São momentos iniciais da aula, cujo aluno participa da construção de seu

aprendizado. Sendo, posteriormente, exploradas as noções teóricas sobre este tema. É uma atividade para ser pensada com discentes de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental, que estarão aptos a montar a árvore com suas palavras sobre o conhecimento prévio do conteúdo trabalhado em sala de aula, ou seja, é uma idade onde o lúdico é sinalizador das aprendizagens, pois com alunos do ensino médio são “maduros” e querem aulas mais focadas aos exames e vestibulares.

Nesta prática da árvore do conhecimento, o professor pode se valer de outros mecanismos auxiliares como a utilização do livro didático, da construção de charges pelos alunos, desenhos, de caça-palavras e mesmo de uma saída de campo organizada, no final da atividade para aprofundar o conceito. Esta metodologia foi utilizada no ensino de geografia na Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis com os alunos de 6º do Ensino Fundamental, demonstrando uma nova forma de pensar o ensino em sala de aula, permitindo a participação dos alunos e a sua interação com a Geografia. Nesta atividade os alunos desenharam as folhas para colar na árvore, mas pode ser oferecida uma folha pronta impressa para eles, podendo colorir além de escrever.



**Figura 6.** Desenho das folhas da árvore do conhecimento para trabalho em aula  
**Fonte:** criação de aluno, 2014.

Portanto, são tantos os caminhos para propor o ensino do espaço na geografia escolar de maneira participativa e rica de significados aos alunos, cabendo ao professor criatividade e exploração de recursos didáticos diferentes. Assim, o ensino deve ser pensando permitindo a exploração dos alunos, a diversidade de metodologias e as formas de atrair o educando no desejo de ensinar. E, neste ponto, o espaço geográfico é um conceito importante para ponderar a relação socioespacial e os demais conceitos. Como em outras disciplinas escolares, a Geografia também possui conceitos – chaves que atravessam os fatos interpretativamente e os fenômenos

geográficos, interligando-os sob uma determinada ótica, criando uma malha de leitura complexa e imprescindível ao ensino-aprendizagem (REGO, 2002).

## CONSIDERAÇÕES

A educação geográfica possibilita ao aluno ampliar sua noção de espaço e sociedade, tecendo um diálogo aberto entre cotidiano, vivência e a multiplicidade de espaços que são resultado da construção humana e exercem dinamicidade sobre a vida humana. O espaço geográfico é um conceito primordial para o estudo de outros temas, teorias e conceitos que desvendam as margens do saber da Geografia.

No entanto, nem sempre é tão simples abordar este conceito em sala de aula, muitas vezes, o espaço passa batido como um conceito apenas de localização dos fenômenos ou de meras ilustrações de livros didáticos. O espaço geográfico é um conceito amplo, que permite uma extensão de estudos, mas que precisa ser tratado com autenticidade no ensino. Os alunos devem saber ler o espaço, primeiramente o espaço de vida, do seu cotidiano e posteriormente o espaço regional, o espaço mundial.

Para isto, são necessárias intervenções pedagógicas que aproxime o aluno do conceito, onde o aluno possa construir sua concepção e participar ativamente desse processo de forma produtiva. Entre estas práticas pedagógicas, a construção de maquetes, utilização do trabalho de campo, da linguagem cinematográfica, da música e criação de mapas e desenhos mentais.

Neste percurso, o processo de ensino-aprendizagem se completa como um todo, somente quando o aluno souber articular a sua concepção, imagem e representação do espaço com a teoria. O espaço é percebido pelo aluno, desde criança, na sua casa, na sua rua, no seu bairro, na escola e esta percepção vai acompanhar na articulação do conteúdo geográfico e na interrelação com outras temáticas. Esta concepção inicial precisa ser trabalhada para a ampliação da visão e análise espacial.

Em síntese, o espaço é fundamental para entender a questão ambiental, social, cultural, econômica e o professor tem a tarefa de instigar todos estes pensamentos e representações, trazendo para a aula vários elementos e tipos de espaços, para que o aluno aprofunde os conhecimentos, a fim de criar também noções de cidadania, de consciência ambiental, de participação comunitária e social.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. *O espaço geográfico: ensino e representação*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção repensando o ensino).

ARRUDA, E. A. A cidade é a sala de aula: ensinar/aprender geografia a partir do lugar. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, Fortaleza, CE, vol. 10, núm. 22, 2019. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/jatsRepo/5528/552860312020/html/index.html>. acesso em: 20 de maio de 2020.

BARBOSA, A. Ronda: Espaço, experiência e memória em sete filmes paulistas dos anos de 1980. In: NOVAES, S. C. et al. *Escrituras da imagem*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004.

BARBOSA, M. E. S. A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82-113, jan./jun. 2016. Disponível: - <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/>. Data de acesso: 12 de maio de 2020.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema?* São Paulo: Brasiliense, 1991.

CALLAI, H. C. o ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. *Geografia em sala de aula: prática e reflexões*. 5 ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p.57-64.

CAMPOS, B. M. DE; PEDON, N. R. Espaço e paisagem no ensino de geografia nas séries iniciais. In: *XIV ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA*, Lima - Peru. Anais... Lima-Peru. 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/28.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

CASTELLAR, S. M. V. Alfabetização em geografia. *Espaços da Escola*, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 6 ed. Porto Alegre: Mediações, 2008.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: São Paulo: Contexto, 2002.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola, e construção de conhecimentos*. Campinas-SP: Papyrus, 1998. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).

CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSEND AHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-122.

DENTZ, E. V.; ANDREIS, A. M.; RAMBO, A. G. Categorias espaciais: referentes ao ensino de Geografia. *Geografia: Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, V. 20, n.1, p. 51-66, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/17087/pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiin/article/view/4835>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

KAERCHER, N. A. A geografia é nosso dia-a-dia. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 109-116, ago. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38639/26361>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

KAERCHER, N. A. *Desafios e utopias no ensino de Geografia*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 1999.

KAERCHER, N. A.. A geografia é o nosso dia - a - dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et. al. (org.). *Geografia em sala de aula: prática e reflexões*. 5ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p.11-22.

KOZEL, S. Mapas Mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, et. al. (org.). *Da percepção e cognição à representação: reconstrução teórica da geografia cultural e humanista*. SP: Terceira Margem, Curitiba: NEER, 2007, p.114-138.

LACOSTE, Y. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. (Tradução Maria Cecília França). Campinas, SP: Papirus, 1993.

MANFIO, V. A contextualização do espaço urbano e rural a partir da construção de desenhos e maquetes em sala de aula. *Geografia em Questão*, Marechal Cândido Rondon-PR, V.08, N. 01, p. 76-90, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/10258>. Acesso em: 2 de maio de 2020.

MARTINEZ, R. *Espacialidades geográficas em construção: leituras sobre o espaço vivido, percebido e concebido dos alunos do ensino fundamental*. 2006. 92f. Monografia (Bacharel em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2006.

MOREIRA, R. *O que é geografia*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

OLIVEIRA, E. d. de; et. al. Leituras e possibilidades de representar o espaço geográfico no ensino fundamental. *Revista Geográfica Acadêmica*, Boa Vista – Roraima, v.13, n.2, p.5-20, 2019a.

OLIVEIRA, E. D. de; et. al. O ensino da geografia na perspectiva dos seus conceitos fundamentais: espaço, lugar, território, região e paisagem. *Revista Equador*, Teresina – Piauí, V. 8, N. 1, p.26 – 44. 2019b.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANNELI, T. I. CACETE, N. H. *Para ensinar e aprender geografia*. SP: Ed. Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 111-142.

PONTUSCHKA, N. N. Geografia, representações sociais e escola pública. *Terra Livre*, São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000.

REGO, N. et. al. *Geografia e educação: geração de ambiências*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

REGO, N. Geração de ambiências: três conceitos articuladores. *Terra Livre*, São Paulo, ano 18, n. 19, p. 199-212, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/download/167/153>. Acesso 12 de maio de 2020.

RIBEIRO, G. OLIVEIRA; L. D. de. Espaço geográfico e território, sociedade urbana industrial e desenvolvimento sustentável: um ensaio teórico-metodológico em geografia, *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, ano 12, v.1, n. 21, p.55-70, 1º sem. de 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/geouerj/article/viewFile/1447/1223>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

RIZZON, G. A sala de aula sob o olhar do construtivismo piagetiano: perspectivas e implicações. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, Caxias do Sul, 2010. Anais... Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, maio de 2010. Disponível em: [https://www.uces.br/site/midia/arquivos/Construtivismo\\_Piagetiano.pdf](https://www.uces.br/site/midia/arquivos/Construtivismo_Piagetiano.pdf). Acesso em: 20 de jun. de 2020.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, M. *Espaço e Método*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHÄFFER, N. O. et. al. *Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula*. Porto Alegre: ed. UFRGS, 2005.



SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico Uno Múltiplo. In: SURTEGARAY, D. M. A, VERDUM, R.; BASSO, L. A. (Orgs). *Ambiente e Lugar no Urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 13-34.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova*. Barcelona, ES, n. 93, 15 de julio de 2001.

VIEIRA, N. R. O espaço geográfico em questão: uma experiência de renovação teórico-metodológica no ensino de Geografia. *Formação*, Presidente Prudente, v. 2, n. 11, p.139-156, 2004. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/961>. Acesso em: 15 de maio de 2020.